Boletim Operário 98

Caxias do Sul, 11 de Fevereiro de 2011.

International Worker's Association
www.iwa-ait.org

http://internationalworkersassociation.blogspot.com

secretariado@iwa-ait.org

Brazilian Worker's Confederation
http://cob-ait.net/

Rio Grande do Sul's Worker's Federation
http://osyndicalista.blogspot.com

Center of Studies and Social Research

http://cepsait.webnode.com

http://cepsait.blogspot.com

ceps_ait@hotmail.com

Our purpose is to motivate the social research and stimulate the change relations which are related to the collection and production of information's about the history of the Brazilian Worker Movement.

"Rio Grande do Sul's Worker Federation"

Worker Bulletin

Year III Nº 98
Friday 02/11/2011.

Caxias do Sul – Rio Grande do Sul – Brazil

ALZIRA WERKAUSER

Costureira, militante ativa em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Participou de debates, falava com desembaraço nas assembléias e representou o Sindicato dos Alfaiates, Costureiras e Anexos no III Congresso Operário no seu Estado.

Foi a primeira mulher operária a participar de um congresso operário no sul. Em homenagem às mulheres que marcavam presença, firmeza e convicção ideológica, Orlando Martins propôs o nome de Alzira Werkauser para presidir à oitava sessão. Antes porém, teceu considerações sobre a não participação da mulher nas lutas sindicais e, principalmente, no uso da palavra e sua colaboração na imprensa libertária. Ressaltando que a maioria das mulheres omitiam-se, ficando em casa com os filhos, dirigindo o lar, para que seus companheiros pudesses participar mais ativamente da luta, suportando solidariamente com eles o desemprego, as prisões e o exílio forçado por suas idéias, acrescentou ainda outros aspectos expostos ao Congresso pela seguinte moção:

"Companheiros!

Na minha condição de mulher e, tendo de falar-vos, a respeito da situação das mulheres proletárias em geral, devo adverti-los que faço na certeza de muito deixar a desejar sobre o assunto. Não são só e simplesmente os fatos recolhidos dos livros de estudos, senão da própria existência, portanto, poderá ter algum erro nos aspetos particulares.

Mas não assim nos seus aspetos gerais, por quanto como operária tenho oportunidade de observar, vivendo essa vida de mulher produtora. Dividirei esse problema em duas fases: a primeira, econômica, a segunda, social.

Devo advertir ainda que só será um débil reflexo da vida real, por quanto a mulher proletária está duplamente explorada na condição de mulher e na condição de operária. Na fase econômica, o salário médio que percebem as mulheres, atualmente, é de 4$000 diários. A maioria delas têm que sustentar os filhos, mães e irmãs e a si próprias; podem, por si os companheiros e companheiras imaginar, com a carestia de vida, as dificuldades, as lutas e as péssimas condições de alimentação em que se encontram as mulheres proletárias em geral.

É por isso que as vemos magras e abatidas, sem ânimo para lutar em favor da sua própria existência. Máximo quando tomamos em conta que a jornada de trabalho é de oito horas e mais, pois há casos em que se trabalham 14 a 16 horas, como por exemplo os trabalhos de chapeleiras, costureiras sob medida, etc. Podemos ainda prever o estado de ânimo em que se encontram nossas irmãs, que após tão fatigante trabalho e um mísero salário, têm necessidade de fazer seus serviços domésticos; como já se disse, a maioria são mães de família, que têm necessidade de manter os seus e de ampará-los contra as misérias da vida. Não nos devemos admirar da sua falta de ânimo e tomemos interesses por nossas companheiras que, nem sempre têm o tempo necessário para pensar na sua péssima situação e organizar-se, unirem-se para conquistar melhorias na sua vida. Por isso urge que os companheiros que estão organizados, prestem especial atenção a essas irmãs abatidas e exploradas, tratando de levantá-las, animá-las e trazê-las à organização, cumprindo assim um dever para com elas. Sabemos que a mulher é considerada como ser inferior e fraco devido a certas influências religiosas que faz com que elas por si mesmas se considerem sem direito de lutar a favor de suas reivindicações. Vemos em todas as indústrias o braço da mulher explorado miseravelmente como produtoras e mão-de-obra barata pelos capitalistas e compreendemos que ninguém, senão elas mesmas, podem e devem lutar para o seu próprio bem-estar. Mas temos a dura necessidade de incitá-las e animá-las para que se defendam contra a tirania dos exploradores.

A cada 15 segundos uma mulher é agredida no Brasil.

Segundo pesquisa da OMS (Organização Mundial da Saúde) publicada em 2005, 23% da mulheres entrevistadas na Grande São Paulo afirmam ter sido influenciadas pela violência contra à mulher, direta ou indiretamente, pelo menos uma vez durante suas vidas.

Segundo a sociedade Mundial de Vitimologia (IVW, ligada ao Governo da Holanda e à ONU), que pesquisou a violência doméstica com 138 mil mulheres, de 54 países, o Brasil é o país que mais sofre com a violência doméstica: 23% das mulheres brasileiras estão sujeitas a este tipo de violência.

Pelo menos uma em cada três mulheres ao redor do mundo sofre algum tipo de violência durante sua vida, de acordo com estimativa da Anistia Internacional.

De acordo com o Conselho da Europa(integrante do sistema europeu de proteção aos direitos humanos), a violência doméstica é a principal causa de morte e deficiência entre mulheres de 16 a 44 anos de idade e mata mais do que câncer e acidentes de tráfego.

Nos Estados Unidos, as mulheres representaram 85% das vitimas de violência doméstica em 1999, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU).

De acordo com a Linha de Atendimento Nacional de Violência Doméstica, quatro milhões de mulheres americanas experimentaram um ataque violento sério, de seus parceiros em um período médio de 12 meses. Na média, mais de três mulheres são assassinadas por seus maridos e namorados todos os dias, isto é, aproximadamente 5.500 mulheres são espaçadas até a morte desde 11 de setembro.

Um levantamento da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontou que cerca de 70% das vitimas de assassinato do sexo feminino foram mortas por seus maridos.
A Anistia Internacional afirma que esses números representam apenas "a ponta do iceberg" já que a violência contra a mulher geralmente não é reportada, pois às vitimas se sentem envergonhadas ou sentem medo.

Fenômeno universal que atinge indistintamente mulheres de todas as classes sociais, etnias, religiões e culturas.

Entre 25% e 50% das sobreviventes são infectadas por DST. A cada 4 minutos, uma mulher agredida em seu próprio lar por uma pessoa com quem mentem relação de afeto.

70% dos incidentes acontecem dentro de casa, sendo que o agressor é o próprio marido ou companheiro.

Mais de 40% das violências resultam em lesões corporais graves decorrentes de socos, tapas, chutes, amarramentos, queimaduras, espancamentos e estrangulamentos.

FONTE: http://www.violenciamulher.org.br

Assassinato de Idalina Stamato

"Em 1912 surgia o movimento de solidariedade às vitimas inocentes do clero, simbolizadas na figura da menina Idalina Stamato, "extraviada" do Orfanato Cristóvão Colombo, onde estava internada. O proletariado promove comícios em praça pública e acusa o Padre Faustino Consoni como o responsável por aquele crime!

Era mais uma criança inocente, órfã, sob a guarda da Igreja, que desaparecia misteriosamente, e as autoridades, tão ativas na caça, espancamentos, prisão e expulsão de operários grevistas, não davam um passo para desvendar o misterioso crime! Em contraposição, a polícia prendia os trabalhadores que faziam comícios de protesto contra o desaparecimento da infeliz menina." (RODRIGUES, 1977, 143).

Quem poderia, quem ao contrário deveria intervir neste caso, e tentar resolver a confusa meada, é o Juizado de menores, mas ele fez como Pilatos: lavou as mãos, talvez porque a influência do clero é muito grande para poder desbaratar-se e agir segundo a lei.(...) Das outras autoridades não há nem o que falar. A cumplicidade moral neste fato de índole religiosa se estende como uma cadeia de ferro a toda hierarquia do poder judiciário e policial.

—Jornal La Bataglia de 20/06/1912

Essa responsabilidade recai justamente sobre as organizações operárias. Por isso proponho que o Congresso tome a resolução no sentido de lembrar a cada organização operária a necessidade de fazer parte das suas atividades, a organização das mulheres. Só desse modo, se poderá melhorar a triste situação das grandes massas de trabalhadoras femininas.

Como já disse, as minhas palavras só podem ser um débil reflexo da vida real, mas espero que alguém, com palavras mais enérgicas, exponha a situação das mulheres, neste Estado e mesmo no Brasil inteiro e que isso sirva como um espelho para nossas irmãs de infortúnio para que eles possam ver e compreender que só com a sua organização, com a sua união poderão, um dia, melhorar a sua péssima situação.

Temos a agregar que não podem, nem devem, esperar de nenhum partido político ou governo a sua defesa econômica, física ou moral, porque a história não registrou fatos desta natureza e se registraram não passam de migalhas atiradas para acalmar os ânimos irritados, num certo momento em que a miséria tenha sido insuportável. Portanto proponho:

1. *Que a Federação Operária, bem como todos os "sindicatos a ela aderentes e, especialmente, aqueles que, em sua classe, tenham como camaradas mulheres, nas oficinas, devem dedicar especial atenção para organizá-las;*
2. *Que nos periódicos, como nos boletins, palestras e conferências, se devem dedicar de modo especial para levantar o espírito da mulher proletária."*

Transcrito de:
RODRIGUES, Edgar. Os Companheiros1, Rio de Janeiro, VJR, 1994.

A foto é de "O Syndicalista" de outubro de 1925, o qual apresenta um relato do 3º Congresso Operário do Rio Grande do Sul, o qual Alzira participou juntamente com a Companheira Cantalice Silva.